«Trabalhadores! Sois pequenos porque estaes de joelhos. Levantae-vos!»

O SYNDICALISTA

ANNO 1º — — NUMERO 4 | Orgam da FEDERAÇÃO OPERARIA do Rio Grande do Sul | Porto Alegre, 17 de Junho de 1919 RIO GRANDE DO SUL

LUTA DE CLASSES

Do movimento syndicalista se podia dizer o que foi dito, na grande revolução franceza, da terceira classe social. Elle o que é? — Nada! — Que podia ser? — Tudo!

O syndicato representa a confluencia de todos os elementos proletarios, é a organisação operaria, a expressão mais natural e mais necessaria do espirito e da luta dos proletarios debaixo da pressão do despotismo capitalista e politico. Nas lutas syndicalistas durante as gréves, boycottagens, «lock-outs» etc., a organização exploradora dominante e o proletariado acham-se em antagonismo franco e recto. Taes pelejas, conduzidas com consciencia plena de seu significado, põem a descoberto a completa desharmonia de dois mundos na ordem social, demonstram a incompatibilidade do mundo dos lucros forçados e do mundo trabalhador.

Esse antagonismo mais apparente se torna ainda quando os operarios conseguem obter os seus objectivos parciaes. No caso mais favoravel poderão alcançar uma pequena elevação dos salarios, uma reducção das horas do trabalho diario. Taes exitos parciaes nunca conduzem para fóra do dominio da escravidão do salario, giram sempre dentro dos moldes desta e em muitos casos, por gerarem nos cerebros proletarios mais indifferentes certa satisfacção bornal, certo contentamento cháto e barato, favorecem antes a manutenção da escravatura social e economica, ao envez de prejudical-a.

Si o movimento syndicalista não se quizer tornar sustentaculo da «ordem» assim chamada, que se baseia na exploração dos operarios, deverá elle, em seus designios materiaes e espirituaes, transpor essa ordem, que de tal maneira está organisada que implica forçosamente na perenne exploração e escravidão do trabalho.

Quem considerar a idéa syndicalista como a expressão practica das aspirações do proletariado moderno, deverá admittir que seu conteudo tomará mais e mais caracter revolucionario.

Nesse sentido houve sempre erros e enganos nas differentes correntes do movimento operario. Geralmente se admittia que o proletariado, ao chegar á compreensão exacta de sua misera posição social, se collocaria diante desta na attitude revolucionaria do antagonismo de principios, o que parecia necessario e logico, por não haver nada mais facilmente comprehensivel do que o facto de ser impossivel ao trabalho vir a gozar os beneficios de uma humanidade livre e independente, sem a abolição do dominio do trabalho pelo salario, da propriedade particular e do monopolio da posse. Para a redempção do trabalho das cadeias da miseria e da sujeição é indispensavel a revolução economica e social, a eliminação e expropriação dos actuaes poderes discricionarios, da casta governamental e da classe dos proprietarios.

Essas foram as idéas geralmente acceitas, o que mais incompreensivel torna as instrucções dadas aos syndicatos para que se mantivessem, em seus objectivos e agitações, dentro da ordem existente. Ao seguirem-se taes instrucções, o resultado será infallivelmente o «aburguezamento» e achatamento do movimento operario.

Si se reconhece o facto que a redempção do operariado só se tornará possivel quando cessar de existir a sociedade capitalista e suas instituições politicas coercitivas toda tentativa de encorporar á ordem existente os operarios com as suas aspirações e seus sentimentos é, ou «santa simplicidade» incuravel, ou traição.

Não se deve dahi tirar a conclusão que se deixou de fazer quasi tudo que devia ser feito para que os syndicatos fossem o que deviam ser, a saber: organizações de combate proletarias e revolucionarias, que deviam fornecer as milicias para derrubar a tyrannia social e economica? E não isso sómente. Quando se tratar, após a derrubada, de reerguer em novas bases a sociedade, serão as organizações operarias que deverão dirigir a organização necessaria da producção e do consumo.

Tudo isso exige uma compreensão profunda e uma força de animo que ainda faltam, mas que têm de ser creadas.

Avante, pois, com toda a energia e tactica, apezar de tudo, pois o futuro é nosso!

Fr. Kniestedt.

A Escola da Violencia

Quem semeia ventos...

Segundo narram os telegrammas, o movimento grevista no Rio ultimamente tem assumido um caracter violento [illegible] a [illegible]

[illegible] lamentavel que os trabalhadores se vejam na contingencia de recorrer a taes meios para conseguir ver triumphar as suas reivindicações E não seremos nós, que sempre protestamos contra a violencia organizada das classes dirigentes, que iriamos bater palmas a uma tal atitude como meio regular de conquistar os direitos operarios.

Quem, porém, não tem o direito de protestar contra a attitude violenta dos trabalhadores é a imprensa burgueza, expoente autorizado das classes burguezas, cujo apanagio e sustentaculo é a violencia, sob todas os formas, contra a classe proletaria.

E' a imprensa burgueza, agora tão energica nos seus protestos contra a dynamite operaria, que insinua aos governantes a necessidade da repressão violenta aos movimentos operarios; é essa mesma imprensa que ca a quando a força publica carrega sobre os operarios, como no caso do Rio Grande, ferindo e matando; essa imprensa não tem uma palavra de protesto quando, por ordem do governo, são presos padeiros, pelo crime unico de se acharem em greve, e se os escravisa, obrigando-os a trabalhar numa granja, como aconteceu na capital do Estado modelo da Federação Brasileira.

Todas as violencias que partam dos esbirros de policia, desde o mais graduado ao ultimo cão policial, a imprensa ou cala ou aprecia complacentemente, com noticias tendenciosas sempre deprimindo o operario, filho o do povo, para deixar em bôa posição o esbirro....

Já é tão commum essa attitude da imprensa que já se não estranha e sabe-se de antemão quaes os commentarios que vão merecer dos plumitivos este ou aquelle facto operario, esta ou aquella violencia policial.

Para os governantes todo o operario que reclamar qualquer cousa: um melhoramento para a classe ou um melhor tratamento moral, é sempre um criminoso e o primeiro movimento daquelles que se acham investidos de uma particula de autoridade é se pôrem ao lado do patrão e contra o trabalhador.

Seria ocioso citar exemplos, [illegible] tantos são elles que se tornaria enfadonha uma resenha que seria interminavel.

Em S. Paulo, Rio, Rio Grande, Porto Alegre, Bahia, Recife, por todo o Brasil, de norte a sul, quer sob o poderio carola de Altino Arantes quer sob o dominio positivista de Borges de Medeiros, a regra é uma só para reprimir o movimento operario: hypocrisia e violencia.

O trabalhador reduzido á miseria, esfarrapado, vilipendiado, corrido de todos os lados, sem encontrar nessa sociedade um apoio para os seus direitos, um vislumbre de justiça, uma voz que se erga dentre a burguezia que não seja para o enganar, para o ludibriar, para o entregar de braços atados ao explorador; o operario, sem direitos, sem liberdade, vendo que a lei para elle é uma farçada, que a sua existencia é zero para os governantes e qua estes nada mais são do que os guardas tenebrosos do rei milhão; o grevista, tratado como uma féra, pela boçalidade policial posta ao serviço do capital, convence se de que não há outro caminho a seguir senão a submissão, a miseria, o definhamento, a degeneração ou a violencia para vencer ou morrer.

São os ensinamentos decorrentes da doutrina burgueza, dos factos quotidianos e violencias inominaveis soffridas pelos trabalhadores a todos os momentos e em toda parte, onde capital e trabalho se degladiam.

Não querem a violencia? Pois bem, comecem dando o exemplo respeitando a vida do operario, os seus direitos, as suas prerogativas de homem; comecem por não intervir violentamente nas gréves, para proteger tão só o direito dos poderosos, dos endinheirados, menosprezando os principios de justiça; não insultem o operario que passa uma existencia trabalhando para o engrandecimento do paiz e, um dia, se lembrou de pedir ao patrão que a explora mais uma migalha de pão, não maltratem um homem pelo facto de cingir uma bluza em vez de ajustar um fraque; não matem, não encarcerem, não atirem sobre o povo; não fuzilem os grévistas, usando de pretextos e *trucs* estafadissimos; não mintam desbriadamente dizendo que o operario grevista é extrangeiro e deve ser expulso desse paraizo; não empreguem as armas pagas com o dinheiro do povo para afogar em sangue os movimentos reivindicadores do proletariado; não invadam lares operarios, não desrespeitem as nossas familias, não zombem das lagrimas das nossas esposas, das nossas irmãs, dos nossos filhos; ensinem por essa forma o trabalhador a respeitar a lei e, depois sim, protestem contra a violencia operaria, contra os attentados a dynamite porque estes serão uma aberração no meio da ordem, da justiça e da liberdade!

Por emquanto o poder semeia ventos e só poderá colher tempestades!

A Gréve é um direito

Na sessão da Camara, em 10 do corrente, o deputado Nicanor Nascimento proferiu um vibrante discurso sobre o movimento operario que se alastra pelo paiz.

O orador disse, em resumo, que o que annunciára de animo seguro se vae cumprindo com rigorosa certeza. A gréve assustadora se generalisa pelo paiz as consciencias livres pacificamente, vão mostando que é necessario agir de verdade e que já não é possivel illudir os proletarios.

Ordeira mas energicamente, vão elles cumprindo a obra de sua emancipação. O syndicalismo é a forma intermediaria entre a escravatura e o patronato e a incorporação economica do elemento trabalhador na participação da riqueza geral é pelo syndicalismo organisado [illegible] resistencia collectiva e ordeira á tyrannia do capital. E' o que verificaram os operarios brasileiros e agora, organisados, ainda que imperfeitamente, já podem oppôr a sua vontade á vontade das outras forças sociaes. Por esta forma, hão de impôr suas reivindicações. A prova disto é a desordem que vae no campo opposto, onde domina a inconsciencia.

O orador cita varios factos, censurando as medidas do ministerio da marinha, que classifica de compressores. Depois de citar a ordem de mobilisação destinada unicamente a deter o movimento reivindicador do operariado, e a proposito da chamada da reserva naval, diz que o ministerio ha de meditar, antes de devolver os navios aos grévistas.

A acção irreflectida dos dirigentes vae fazendo alastrar pelo paiz a sementeira dos conflictos.

O Recife está em desordem, com os navios abandonados.

Abandonados estão tambem na Bahia, onde o commandante do porto, desmentindo um passado de indiscutivel brilho, está tyrannisando e escravisando homens que obriga a trabalhar. Mais de onze mil cidadãos são assim espoliados de seus imprescindiveis direitos, em pleno periodo normal, sem estado de sitio, sem commoção intestina que o justifique, pois o direito de gréve foi proclamado pelo nosso embaixador em Versailles.

Quem está mentindo? O embaixador quando proclama este direito ou a força bruta que no Brasil, mediante a intervenção federal outorgada sem audiencia do Congresso, invade uma séde social e viola o direito de reunião? O direito de gréve foi proclamado na Conferencia da Paz. Por que o Brasil, que já aceitou este direito, pela voz do seu embaixador, aqui, intra-muros, considera selvaticamente a gréve como um crime?

O orador interpella o governo, considerando as autoridades responsaveis.

«Sois vós—diz—que iniciaes a desordem. Quereis, pela violencia, desencadear sobre a Patria uma incalculavel desgraça? Qual o crime praticado aqui, em S. Paulo, no Recife, na Bahia, no Rio Grande? Mas a gréve é pacifica; não ha noticia de um só acto de „sabotage". Nem ha pessoas que se queixem de violencias dos grévistas, nem as cousas revelam damnos. Não ha crimes; só se exercitam direitos, dentro da ordem.

„Si assim é, por que o capitão do porto de S. Salvador calumnia os marinheiros, escrevendo-lhes nas cadernetas que sairam por deserções e desordem? Por que os prende a bordo, guardados por força embalada? Por que os escravisa, mantendo em barbara custodia desde S. Salvador até aqui no Iris"?

Pede ao executivo que faça [illegible] tram no caminho da violencia. Esta nada constrói e irrita os outros animos, que ainda não estão agindo.

NOTICIAS OPERARIAS

DO RIO

Entre o operariado do Rio de Janeiro acaba de ser fundado o «Partido Communista do Brasil», cujo programma é o seguinte:

«Tendo em vista que a actual organisação social, baseada na propriedade privada e no principio de autoridade divide os individuos em diversas classes com interesses antagonicos e irreconciliaveis, submettendo a classe trabalhadora, que constitue a maioria do povo, á exploração de uma exigua minoria parasitaria; tendo em vista que o Estado burguez e autoritario, defensor acerrimo dos interesses dessa minoria, acha-se impotente para resolver a crise economico-social produzida pela propriedade individual e aggravada pela horrivel guerra que a burguezia preparou, para satisfazer suas ambições de ouro e afogar em sangue a idéa de uma transformação social que se accentuava em todo o mundo; reconhecendo que os povos de todos os paizes se preparam para pôr em pratica essa transformação, afim de assegurar a todos os individuos a satisfação plena das necessidades materiaes, moraes e intellectuaes, e que o povo russo já conseguiu essa transformação pela acção e programma do partido communista daquelle paiz, o Partido Communista do Brasil, defende:

1º — A abolição da propriedade privada que constitúa base para exploração do trabalho alheio, passando a ser posta em commum; ficando, porém, a pequena propriedade em poder de seus possuidores, sempre que seja de seu exclusivo usofructo. Será de livre alvitre dos possuidores de pequenas propriedades incorpora-las ou não á communidade, mas não poderão em sua falta, legal-as ou transferil-as a outrem e passarão a fazer parte do patrimonio commum.

2º — Socialisação de todas as industrias, agricultura, meios de transporte e de communicação que serão administrados pelas respectivas associações de classe e dirigidas por profissionaes competentes em cada ramo de producção e actividade. Os individuos encarregados de dirigir a producção e a actividade social excercerão apenas funcções de direcção, mas nunca de mando.

3º — Regulamentar as horas de trabalho de accôrdo com as necessidades de producção e de consumo.

4º — Estabelecer o trabalho obrigatorio para todos os individuos validos de 18 a 50 annos.

5º — Distribuir a producção entre os individuos, segundo as suas necessidades, e estabelecer a troca reciproca entre as communidades urbanas e ruraes.

6º — Assegurar accessivel para todas as pessoas, livre e completa instrucção racional.

7º — Garantir absoluta liberdade de pensamento e de reunião, para todos os individuos.

Este programma, em synthese, é susceptivel de reformas de accôrdo com a evolução que se operar no povo, e, para obter a sua realisação, o Partido adopta como meio de acção a propaganda falada e escripta a todas as pessoas do Brasil até estabelecer uma alliança de individuos de diversas classes que possa garantir o exito da transformação que o Partido Communista do Brasil se propõe realisar.

A acção do partido consiste na propaganda systematica por todo o paiz, do socialismo integral ou communismo, e na arregimentação e educação do proletariado em geral para a conquista dos poderes publicos — unico meio pelo qual poderá realisar o seu programma.

A propaganda será feita por meio de folhetos, manifestos, comicios, conferencias, representações theatraes, etc., e por meio de um semanario que será o orgam official do Partido. (Este periodico tornar-se-á diario quando as circumstancias o permittam).

Fiel aos principios da Internacional, o Partido Communista do Brasil manterá relações com todos os seus afins do exterior, com os quaes será solidario. — *O Secretariado.*»

Chovia. Uma garúa fina empapava as ruas e enchia o céo de uma tristeza cinzenta... Advinhava-se que era meio-dia pela leva de operarios que, apressados, troteavam em busca do tugurio longinquo, onde o aguardava a frugalidade de uma mesa barata... Seguiamos incorporados áquella columna interminavel e, batidos pelas rajadas impertinentes, reflectiamos sobre a falta que nos faziam 200 réis para a passagem do bonde... De repente uma lufada de borrifos de lôdo, salpica-nos e faz-nos levantar a cabeça... Um automovel deslizava pelo meio da rua empoçada e, encarapitado a uma anellinha, um cão, um authentico cão, olhava indifferente os transeuntes encharcados... O proprietario do cão, talvez mais cão que o authentico, repoltreva-se ao fundo do auto, talvez pensando nalguma alta transacção que faça subir mais o assucar ou a farinha de trigo e assim, honradamente, multiplicar os seus haveres... Isto é a ordem estabelecida, é o direito das coisas, é a logica sobre que assentam as bases da socibdade.., que os revolucionarios querem subverter para tirar o direito dos cães burguezes e dal-os dos trabalhadores... Sacrilegio!... Anarchistas!... Extrangeiros!...

As 8 horas de trabalho e a producção

Que consequencias terá, na producção a diminuição das horas de trabalho?

Examinemos, o problema. Não obstante considerarmos o patrão como inimigo da Classe, contra o quál devemos conquistar o nosso bem-estar social, é-nos precizo saber que repercussão terá nêle a nossa reivindicação, afim de nos compenetrarmos concientemente dos obstaculos a vencer,— e para que, por isso, estejamos mais bem armados para a luta.

Ha gente que se espanta, pensando que a redução nas horas de trabalho arrasta a industria á ruina. Quem teme este imajinario perigo esquece-se de que a duração do trabalho já foi diminuida na industria, sem que disso resultasse a sua ruina. Pelo contrario, verificou-se um efeito oposto: a consequencia da redução das horas de trabalho foi quazi sempre um novo impulso industrial. Em meiados do seculo passado, em 1847, no Têstil, na Inglaterra, a duração do trabalho que se elevava a 13 horas e algumas vezes a mais, foi reduzida a 10 horas; a industria não ficou prejudicada com isso nem os salarios sofreram uma baixa proporcional.

Esta redução da jornada de trabalho fôra preparada e tornada necessaria pela ajitação revolucionaria para a conquista do dia de 8 horas, a qual começou na Inglaterra em 1833, e pelo movimento *cartista*, cujo escôpo principal era a conquista duma constituição democratica.

Depois desta transformação, com o novo horario, a produção foi quazi equivalente ao que era anteriormente - e houve até cazos em que se verificou que aumentára.

Porisso, Apezar, as usinas de algodão da Grã Bretanha empregavam 500.00 operarios na transformação de 300 milhões de libras de algodão; hoje, 700.000 operarios transformam 2.000 milhões de libras de algodão, e a duração do trabalho, diminuida de novo, é, quando muito, de nove horas por dia. A industria têstil da Grã-Bretanha, que tem assinalado por um impulso novo as suas sucessivas reduções de tempo de trabalho, ficará porventura arruinada no dia em que fôr obrigada a aceitar a JORNADA DE OITO HORAS? Não, evidentemente. Como aconteceu anteriormente, realizar-se-á uma enjenhosa adaptação dos meios mecânicos á força humana, e por isso, a industria não correrá perigo.

Depois, em muitas industrias, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos ou na Australia, está praticada a JORNADA DE OITO HORAS: e nem por isso os esploradores estão arruinados.

Alguns exemplos o demonstrão melhor que uma larga argumentação.

Em 1858, em Sydney, trabalhadores do ferro da Companhia Australiana de Vapores obtiveram o DIA DE OITO HORAS com a condição de aceitarem, a titulo de esperiencia, uma redução proporcional nos salarios. Pois ao cabo dum ano, a Companhia reconheceu que o melhor trabalho, as economias de gaz, de azeite, etc., lhe permitiam pagar os antigos salarios—e começou a pagá-los daí por diante.

Ha mais de dez annos que na Inglaterra, em todas as oficinas do Estado, se adopta o DIA DE OITO HORAS.

O ministro a que se deve esta iniciativa, Campbell Bannerman, declarou no Parlamento, que «as informações que tinha lhe permitia afirmar que a redução a 8 horas seria tão vantajoza para o Estado, como para os operarios...» Fê-la, pois, aplicar nas oficinas do ministerio da guerra; no ano seguinte, em 1894, era posta em vigor no ministerio da marinha; depois, em 1895, nos correios e telégrafos.

Alem dos trabalhos do Estado e da Municipalidade, os quais na sua maioria se fazem na Inglaterra sob o rejime das OITO HORAS, ha muitissimos trabalhadores de numerozas corporações, que gozam do dia de OITO HORAS. Ora, como esta medida não está ainda generalizada, é nos facil calcular que os operarios que trabalham OITO HORAS apenas ganham sempre tanto como os que trabalham muito mais—e muitas vezes até os superam.

—

Os capitalistas *intelijentes* que souberam combinar o ézito da sua fortuna com a redução das horas de trabalho e o saneamento das uzinas constituem escepções.

Na maioria dos cazos (em França mais do que noutra qualquer parte), se o impulso operario para uma melhoria cada vez maior não sacudisse os capitalistas rotineiros, êles continuariam a sua esploração de sempre, sem sentir a necessidade de aperfeiçoamento; e para uma produção restrita, continuariam a impôr aos seus salariados um trabalho longo e uma magra remuneração.

A hipóteze de que, em *8 horas* de trabalho, a produção equivale á que é obtida em 9 horas ou mais, nada tem de absurda.

Se o trabalho é sobretudo obra da maquina, é bem possivel que, graças a um aperfeiçoamento das ferramentas e sua melhor utilização, e tambem ao operario, que menos fatigado e portanto mais atento, evita facilmente os descuidos, — se obtenha, com as *8 horas* a mesma produção que se obtinha antes delas.

Nos cazos em que a tarefa é quazi inteiramente realizada pelo esforço manual do operario, tambem se póde verificar o mesmo fenómeno: sabe-se que, ao cabo de *8 horas*, está quazi esgotada a reserva das forças quotidianas como na qualidade; diminue, portanto, o rendimento que êle dá.

Podemos concluir daqui, que em *8 horas* de trabalho ininterupto, obtêm-se os mesmos rezultados que em nove horas ou mais.

Mas, supondo que nas duas circunstancias que ficam mencionadas a produção seja um pouco inferior, — não é evidente que a economia realizada sobre as despezas compensa a diminuição de produção que porventura venha a rezultar?

Este fenómeno de equivalencia entre a produção e o dia de *8 horas* não é ignorado pelos patrões.

Apezar disso, êles opõem-se á redução das horas de trabalho e objectam pretêstos mentirozos. E o que é verdade é que êles opõem-se a esta melhoria porque vêem nela uma diminuição da sua autoridade: temem o dezenvolvimento da conciencia operaria.

Tendo mais tempo seu, o proletario educa-se, cria em si aspirações e necessidades novas; tem uma dignidade maior: dobra menos a espinha. E, conquistadas as *8 horas*, êle pensará noutras conquistas.

Quanto ao capitalista, o beneficio material que êle pode conseguir com o DIA DE 8 HORAS não compensa a perda moral que lhe causa a parcial libertação do trabalhador. Neste cazo, a sua obstinação criminoza em querer manter irredutivel a sua autoridade sobre o salariado, só pode incitar-nos a redobrar de enerjia para vencer a sua rezistencia.

Acabámos de examinar a hipóteze de que a produção não é diminuida pela redução do dia de trabalho.

Andariamos mal se supozessemos que o facto é o mesmo em todas as circunstancias e em todas as profissões. Examinemos, pois, a hipóteze contraria: uma diminuição de produção.

E' bem evidente que será este o cazo de muitos oficios em que o manual é o maior factor da produção; e também de muitas industrias em que a perfeição das maquinas e a celeridade da sua marcha está escessivamente dezenvolvida.

Ha, alem disso, innumeros trabalhos para os quais não se pode propôr a sua intensificação, visto ser o tempo o seu principal factor.

Assim, um condutor de bonde, um cocheiro, um barbeiro, um caixeiro, um empregado de restaurant, etc., não podem pensar em acelerar o seu trabalho. A redução do tempo da sua jornada é, pois, formal, sem recuperação possivel.

Por outro lado, a Classe Operaria ao apresentar a sua reivindicação do DIA DE 8 HORAS, considerou, em primeiro lugar, que esta ultima hipóteze — a diminuição da produção — se realizará amiudadas vezes. E isto porque, com o espirito de profunda solidariedade que a anima, ela vê na redução das horas de trabalho um meio de remediar a cruel situação dos companheiros desocupados.

E' preciso, portanto que os os patrões se rezolvam a conceder a melhoria ezijida — e podem fazê-lo restrinjindo um pouco os seus lucros. Compete-lhes a êles encontrar depois a solução menos prejudicial aos seus cofres, porque é bem evidente que os trabalhadores, concientes dos seus proprios interesses, não consentirão sempre em labutar toda a sua existencia pelo prazer de enriquecer esploradores.

Os patrões não podem queixar-se da situação em que a redução das horas de trabalho os coloca. Os operarios, esses podem objectar-lhes que essa situação nada é comparada com a horrivel angustia que martiriza os nossos companheiros sem trabalho.

Portanto, se a redução dos lucros capitalistas, que pode rezultar da implantação do DIA DE 8 HORAS, tem como consequencia crear ocupação a numerozos desocupados, ha motivo para duplo regozijo: alem do beneficio real da melhoria conquistada, a Classe Operaria enfraquece nos capitalistas, na medida da diminuição dos seus lucros, os seus privilejios.

Portanto, accentuando sempre us suas ezijensias, a Classe Operaria serve á cauza do progresso em geral: longe de conduzir a industria á ruina, ela salva-a da decrepitude e abre-lhe horizontes nóvos; e, graças ás suas incessantes reivindicações, apezar dum menor esforço humano, o poder de produção aumenta. Afinal, a redução das horas do trabalho humano não póde deixar de facilitar o dezenvolvimento da produção. De facto, a força productiva dum operario, longe de ser inestinguivel, não vai alem de um certo nivel em vinte e quatro horas e se tentarmos escedê-lo — o que acontece com as longas jornadas — deste escesso de trabalho rezulta o esgotamento da força produtiva dos dias seguintes: é um emprestimo feito sobre êles.

O que se póde fazer é regular o dispendio desta força num espaço de tempo mais ou menos longo. Se êle é dividido por um grande numero de horas de trabalho, a actividade humana rezulta forçozamente enfraquecida: gastando-se em 10 horas a capacidade productiva diaria dum operario, os movimentos são mais lentos, a atenção é menor, a produção menos activa do que com a duração do trabalho limitada a 8 horas. E neste cazo, uma maior rapidez de execução compensa a diminuição do horario.

Ora, assim como o aumento da enerjia produto recompensa a perda do tempo de trabalho, assim tambem a diminuição da jornada é proveitoza para a industria. E como um ezame serio á produção capitalista demonstra que as 8 HOAS não são o limite em que o aumento da enerjia operaria seja inferior á diminuição do tempo, os patrões, podem aceitá-las, que isso não os arrasta á falencia.

Os factos que resaltam das estatisticas dos ultimos cincoenta anos são inegaveis: o poder produtor tem aumentado na razão da diminuição das horas de trabalho. Esta capacidade productora prende-se estreitamente ás tabelas do salario: se o trabalhador se póde alimentar bem, a sua força de produção dezenvolve-se. Por isso é que na Inglaterra com altos salarios e menos horas de trabalho obtiveram uma produção maior; por isso tambem é que, no ponto de vista capitalista, a Gran-Bretanha não teme a concorrencia estranjeira.

Observado isto, qual será — frente a frente com os patrões — a situação dos trabalhadores que se recuzem a trabalhar mais que 8 HORAS POR DIA?

Se com as 8 horas produzem tanto como dantes, aumentam assim o lucro do patrão. Com efeito, as varias despezas de força motriz, iluminação, deterioração das maquinas, etc., são atenuadas pela redução das horas de trabalho e isto é para o capitalista um beneficio real. Portanto, nada lhe custa conservar, na tabela antiga, o salario do operario. Por outro lado, não é porventura bastante lojico que o operario ezija a sua parte no beneficio que fez ao patrão diminuindo-lhe as despezas gerais? Claro que sim! e, por consequencia, é muito bem fundada a ezijencia dum aumento de salario.

De resto, por mais dolorosa que esta amputação de lucros possa ser para os patrões, ela não os reduzirá á fallencia.

O exemplo dos paizes onde o dia de trabalho é de 3 horas (ou pouco mais), dá-nos a prova disso. Nesses paizes, os patrões enchem os bolsos, apezar de tudo.

Não nos arruinemos, pois, por essa raça de parazitarios.

Emquanto a esploração humana não fôr, no seu principio, totalmente desrraigada do solo social, os esploradores saberão enjendrar meios de viver á custa dos trabalhadores.

Assim, ha probabilidades de que, pelo simples jogo do desenvolvimento do consumo, consequencia das necessidades novas que a Classe Operaria a si criará (necessidades rezultantes do aumento dos salarios, do acrecimo do tempo livre e tambem do emprego de operarios até agora dez ocupados), ha probabilidades de que os patrões recuperem os proveitos que a redução das horas de trabalho lhes tenha feito perder. De facto, póde ser que, em cada produto, o lucro seja menor; mas como a cifra dos negocios aumenta, a compensação estabelecer-se-á.

Temos unicamente de estar alerta, e com uma atenção incançavel, para que os patrões não recuperem o seu lucro por meio de um aumento em prejuizo dos consumidores. Habitualmente, o seu sistema é este: quando, em seguida a um gréve os operarios duma especialidade qualquer obtêm cinco por cento de aumento, os esploradores valem-se desse pretêsto para aumentarem o preço da sua mercadoria mais vinte por cento.

Devemos, pois, evitar que á aplicação do DIA DE 8 HORAS não se siga semelhante ladroeira. Devemos evitar que a melhoria produza um encarecimento dos generos de consumo. Porque, nesse caso, só haveria proveito reais para os esploradores, cujos lucros creceriam por diversos processos — e a Classe Operaria não teria realizado senão uma mutação nos encargos economicos.

Para evitar esta repercussão, que diminuiria o nosso poder de consumo, temos que empregar o boicotagem: boicotando sem dó nem piedade todos os esploradores que tentem desforrar-se com o aumento dos seus produtos, dificultamos-lhes tais bandalheiras. E se a boicotajem não fôr o bastante para incutir vergonha nessa gente de unhas rapaces, poderá acalmar-lhe a avidez o temor duma sabotajem intelijente.

Por outro lado, graças á pratica do *label* que é o contrario do boicote, saberemos a que cazas se deve dar a preferencia: saberemos que nos armazens que ostentam o *annuncio-label*, as condições sindicaes são respeitadas, saberemos até se um produto foi fabricado de acôrdo com essas mesmas condições, si ele tiver *Sello sindical*.

Accrecentemos além disso, que, para impedir qualquer tentativa de encarecimento, as Cooperativas prestam-nos um grande aussilio — visto que, tendo eliminado o patrão e não tendo lucros a realizar, fazem necessariamente concorrencia ao capitalismo.

As observações que aí ficam não têm senão um fim: mostrar aos timoratos que o DIA DE 8 HORAS se póde aplicar, sem que este facto provoque consideraveis perturbações na Sociedade.

Trata-se, pois, de vêr as coizas claramente: O DIA DE 8 HORAS não é mais do que uma redução dos privilejios do capitalismo e uma atenuação da esploração humana; é a afirmação de que a Classe Operaria quer regular por suas mãos as suas condições de ezistencia.... Mas não é a emancipação integral: é a porta aberta para o futuro.

Permitindo ao trabalhador viver mais largamente a vida da familia, conservando o de bôa saude, facilitando-lhe a instrução e a educação, O DIA DE 8 HORAS prepara-o para conquistas mais radicais.

Mas se, por estupida teimozia, a burguezia se obstinasse em manter o Proletariado na situação lamentavel que lhe é dada por uma esploração desenfreada; ou fosse de encontro ás vontades dos trabalhadores o recusasse as melhorias particulares que derivarão do DIA DE 8 HORAS, a sua responsabilidade seria grande! A sua intransijencia reacionaria abriria uma era de confitos em que ela só tinha a perder: porque o facto da sua obstrução sistematica punha então em em jogo a sua propria razão de ser.

Congresso Operario Regional

A's Associações Operarias do Rio Grande do Sul

Conforme já communicamos a todas as agremiações operarias deste Estado, a F. O. R. G. S. convocou para 24 de Julho proximo a reunião de um congresso operario que se deverá effectuar nesta capital.

Da importancia desse tentamen não é preciso dizer áquelles que se preoccupam com o movimento operario, pois é evidente o resultado que advirá para a bôa orientação da nossa classe da troca de ideias e impressões entre os elementos militantes da nossa causa.

Mormente no momento actual em que por todos os recantos do globo as classes productoras estão a caminho de encontrar a unica e desejada solução para o complexo problema social insoluvel para as classes dirigentes, não é possivel sermos indifferentes ao que se vae desenrolando em torno de nós.

O *comité* organizador do Congresso Operario Regional, appella para todos aquelles que, nas associações deste Estado, de alguma fórma inferem na orientação do proletariado rio-grandense, para que as respectivas organizações se façam representar no referido congresso, enviando ou nomeando delegados, apresentando themas ou memorias á discussão, concorrendo dessa maneira para que possamos dar um testemunho irrebutavel da nossa força como organisação, da nossa orientação para a luta e das nossas ideaes reivindicadores.

O apello da F. O. R. G. S. ficará sem nenhum significado si os operarios militantes não lhe correspondessem com o seu apoio valioso e disso dependendo todo o exito dos nossos esforços.

Lembramos aos trabalhadores que se interessam pela sua classe que, mais que nunca se vem confirmando a maxima da Internacional: «a emancipação dos trabalhadores ha de ser obra dos proprios trabalhadores».

O Comité pró Congresso.

Conferencia pró „O Syndicalista"

Realizou-se na séde da sociedade «União e Progresso» que fôra gentilmente cedida á commissão organisadora de uma série de conferencias pró «Syndicalista», orgam da Federação Operaria, a primeira conferencia da série.

Perante numerosa assistencia, abriu a reunião o camarada Luiz Derivi que em seguida deu a palavra ao camarada Orlando Martins que como membro da commissão explicou o facto de não ter comparecido por se achar enfermo o sr. Israel Corrêa da Silva, que era o conferencista e que dissertaria sobre o thema — Religião e maximalismo.

Depois de pedir desculpas aos assistentes por essa falta involuntaria deu a palavra ao camarada Orlando Araujo que fôra convidado á ultima hora para dissertar sobre o mesmo thema.

O camarada Araujo, apezar de ter sido convidado para realizar essa conferencia poucos minutos antes da sua realização, abordou o assumpto obedecendo ao mesmo thema com grande brilhantismo e sendo por isso muito applaudido.

Emfim, foi um verdadeiro successo a primeira conferencia organisada em pról d'«O Syndicalista».

—

O imposto é uma arma formidavel que o Estado maneja contra o povo.

Sempre que alguem, sorteado para o serviço militar, se lembra de se utilizar das disposições da lei que isentam aquelle que allegar motivos de crenças, surgem os *patrioteiros* jornalisticos com as suas invectivas sediças a lembrarem que quem assim procede fica privado dos direitos politicos.

Os direitos politicos!... Numa terra onde nem os mais comesinhos principios de liberdade dos cidadãos são respeitados, quando isso depende dos régulos que fazem da politica a profissão rendosa de explorar e opprimir o pobre povo!... E' risivel!

Não será certamente com a ameaça da perda de tão *importantes direitos* que os filhos do povo serão compellidos a prestar serviços á patria dos capitalistas nacionaes e extrangeiros...

O que é certo é que os filhos dos ricaços e dos doutores não vão á caserna e nem por isso perdem nenhum direito; muito pelo contrario: ellos disfructam de muito mais direitos que todos nós que servimos á *patria* com medo de perder os sagrados direitos de... morrer de fome...

E depois os operarios não devemos temer perder os direitos politicos, pois o nosso futuro presidente, dr. Epitacio Pessôa, acaba de os perder, acceitando titulos honorificos extrangeiros, em desaccordo com o art. 60 da Constituição, e nem por isso deixará de ter o direito de dirigir a ganguejola por 4 annos a fio...

Em tão bôa companhia podemos, nós operarios, perder os direitos politicos e fazer como fazem os ricos: mandar á fava o sorteio e o general Gamellinha!...

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

FEDERAÇÃO OPERARIA

A Federação Operaria no afan de dar ao operariado do Rio Grande do Su uma organisação solida e consciente, continúa agindo no sentido de organisar as classes ainda não organisadas para que possam estas sempre que fôr necessario, agir defendendo os seus legitimos direitos.

Para esse fim mantém em seu seio o Syndicato de Officios Varios, o qual vae agregando todos os membros de classes ainda não organisadas e que, quando são em numero sufficiente, constituem-se em Syndicato autonomo.

— A Federação reunir-se-á em sessão plenaria para tomar diversas resoluções sobre o Congresso Operario Regional que pretende realizar a 14 de Julho do corrente anno.

— As reuniões da Federação normalmente, tem se effectuado, tendo o Comité Central tomado diversas e importantes deliberações com respeito ao movimento operario.

—A Federação Operaria do Rio Grande do Sul mudou-se para a rua Commendador Azevedo n. 30, esquina da r a S. Carlos.

SYNDICATO DE TRAPICHEIROS E ESTIVADORES

A 23 do p. p. este Syndicato depois de varias sessões que realizou, accordou as melhorias para a classe em geral, resolvendo declarar greve e dirigir aos srs. agentes de companhias, proprietarios e arrendatarios de trapiches, consignatarios, proprietarios e arrendatarios de lanchas e chatas, as resoluções da alludida assembléa que foi de pedir 8 horas de trabalho em geral, 8$000 diarios a estivadores e 7$000 aos trapicheiros, sendo o trabalho á noite pago como anteriormente 12$000.

Após o envio dessa communicação, varias foram as firmas que immediatamente assignaram o documento de accôrdo com o Syndicato, attendendo á sua solicitação, quer no horario quer na diaria.

Mesmo com a assignatura de varias firmas, prolongou-se a gréve por mais alguns dias pelo motivo do agente da Companhia Costeira negar-se a attender á solicitação do Syndicato, tendo para esse fim, accordado com o do Lloyd Brazileiro.

Ainda com essa pressão, souberam os Estivadores manter sua parede, decretando a volta ao trabalho com excepção das alludidas casas que continuam trabalhando com estivadores improvisados e não profissionaes.

SYNDICATO DOS MARCINEIROS, CARPINTEIROS E CLASSES ANNEXAS

O Syndicato dos Marcineiros, Carpinteiros e Classes Annexas tem se reunido normalmente e publicou o boletim que transcrevemos:

«Syndicato de Marcineiros, Carpinteiros e Classes Annexas — Companheiros! Mais uma vez este syndicato faz echoar o seu grito vibrante, chamando ás suas fileiras os que trabalham em madeira, para a luta que em breve irá encetar em pról do melhoramento da classe, que dia a dia vae sendo mais humilhada e espesinhada pelos detentores do capital.

Marcineiros! Carpinteiros! Olhai para a vossa situação e comparae com a de outras classes e vereis que se não vos decidireis á luta para conquistar o que tendes direito, terminarás por succumbirdes na mais extrema miseria, por falta de acção, por falta de energia de vossa parte.

Marcineiros! Carpinteiros! Si quereis liberdade bem estar tendes que lutar, porque só unidos debaixo da bandeira rubra de vosso syndicato, podereis conquistar o que vos pertence.

E' vergonhoso uma classe igual á dos marcineiros, que precisa pelo menos trez annos de aprendizagem e perto de quinhentos mil réis de ferramentas, para ganhar um irrisorio salario de 4$500, 5$ e 6$, no maximo, e trabalhando 9 horas!

Emquanto outras classes que não é preciso aprendizagem nem de capital empregado em ferramentas, ganham 8$000 e trabalham 8 horas; mas, é preciso os marcineiros saberem que esse ordenado e esse horario foi conquistado na arena da lucta e não inertes e impassiveis, esperando que o patrão augmente o salario e diminua as horas de trabalho!

Marcineiros! Carpinteiros! Levantae a fronte e marchae impavidos para o campo da luta, para arrancar das mãos dos vossos algózes tudo aquillo que vos pertence e que foi e está sendo roubado pelos sugadores do vosso sangue.

Disse o grande mestre Kropotkine: «O operario só terá direitos e liberdade quando se dispuzer as conquistar na luta.»

Portanto, marcineiros e carpinteiros, si quizerdes melhoras, só a terás quando te dispuzeres a entrar em luta contra os que te oprimem.

O syndicato, sempre fiel aos seus principios em defender os interesses de seus associados, convida-vos para uma sessão de assembléa geral a realizar-se em 12 de Junho, ás 8 horas, á rua do Parque n 74.

A Directoria».

SYNDICATO DE CANTEIROS E CLASSES ANNEXAS

Este valoroso Syndicato mais uma vez demonstra ao operariado que lucta conscientemente pelos seus direitos e que vae até ao ultimo sempre que se lança em lucta.

Já ha mais ou menos quarenta dias se acham esses companheiros em gréve e não desanimam e nem desanimarão.

Em uma de suas ultimas sessões resolveu publicar o seguinte boletim:

Syndicato dos Canteiros. Ao Publico e aos Trabalhadores

Sobre as liberdadas apparentes o regimen da escravidão.

Definitivamente hoje póde-se dizer bem alto, que as leis, constituições e codigos jazem em montões, em ruinas feitas a golpes de sabre, patas de cavallo e pontas de bayonetas, nada mais se respeita, tudo está entregue ao arbitrio de autoridades imbecis, tão leigas em materia juridica como qualquer sertanejo ignorante e, peor ainda, essa gente perdeu todo sentimento humano, pois praticam actos de tão refinada selvajeria que estamos bem certos, repugnariam aos proprios facinoras de estrada.

E para provar a veracidade do exposto vamos narrar um facto que, por si só, seria sufficiente para revoltar o mais endurecido dos cerebros.

O morro situado no Bairro Rio Branco, onde a municipalidade tem as suas pedreiras, com o actual movimento grevista dos canteiros, foi tomado pela policia do 3º districto, que ainda ali permanece, á pretexto de garantir a liberdade de trabalho e a *ordem*, e isto, á primeira vista, parece ser razoavel, mas, verdadeiramente, o que ali se dá é o seguinte:

O «Sport-Club Ruy Barbosa» tem ali um campo de treinagem, pois bem, para ali se dirigiram os operarios canteiros José Feijó e outros, socios daquelle club e que ali iam trenar, mas, assim não quiz a policia e, abruptamente, em vertiginosa carreira avançou sobre aquelles homens, de espadas desembainhadas, deitando-os por terra com os encontros dos cavallos, e, como José Feijó, pretendesse protestar contra tão insolita aggressão foi immediatamente preso e levado, com os demais, pelos beleguins, sendo ao *criminoso* arrancados os botões das vestes, porém, como no trajecto para o posto Feijó conseguira escapar-se das amarras, foi elle alvejado a queima roupa pelo policial que o conduzia, e o outro lá esteve no posto, durante tres longos dias, só saindo com a intervenção do dr. Masera.

No dia 6 do corrente, para aquelle morro se dirigia o velho de 60 e tantos annos, Salvador Balde, que ali ia apanhar cogumelos para serem vendidos no mercado publico, a policia o viu e sobre elle desencadeou a sua colera, esbofeteando-o e por duas vezes atirando aquelle corpo alquebrado sobre um montão de cascalho e ainda não satisfeitos o levaram para o 3º posto onde o detiveram por espaço de quarenta e oito horas.

Foi tal a selvageria que dois meninos que assistiram a scena, justamente indignados, apedrejaram os esbirros!

—

Tambem agora, o sr. Octavio de Carvalho, pelo simples facto de o nosso companheiro Manoel Monteiro não querer sujeitar-se a trabalhar sob as condições por elle impostas, vem exercendo a mais terrivel e vergonhosa perseguição contra aquelle operario.

—

Denunciando ao publico estes factos cumpre-nos dizer que a policia está ali postada como os antigos caça-escravos e sob a chefia de um capitão do matto.

Aqui fica o nosso protesto, esperando o julgamento do povo.

Syndicato dos Canteiros e Annexos

SYNDICATO DE RESISTENCIA DOS ALFAIATES

O Syndicato de Resistencia dos Alfaiates, depois de uma collossal victoria quanto ás suas justissimas aspirações, trabalha activamente no sentido de realizar uma completa unificação da classe.

O numero de seus associados augmentou consideravelmente de modo que a séde da Federação já se torna pequena para as suas reuniões.

SYNDICATO DOS OPERARIOS DA COMPANHIA TELEPHONICA

Como sempre continúa este Syndicato a reunir-se normalmente para tratar dos interesses de sua classe.

SYNDICATO DOS CONDUCTORES DE VEHICULOS

Reunir-se-á brevemente este Syndicato para tratar de importantes assumptos para a classe em geral.

Para a sua proxima reunião solicitou a presença de um delegado da Federação Operaria.

SYNDICATO PADEIRAL

O Syndicato Padeiral tem se reunido nos dias de costume e tem tomado deliberações acerca da defesa do companheiro Leopoldo Silva, o qual como é sabido irá responder a processo.

Este Syndicato continúa como sempre a ser um dos vanguardeiros do movimento operario.

SYNDICATO DE OFFICIOS VARIOS

Continúa reunindo-se sempre que julga necessario este Syndicato, cuja missão agora está desempenhando no seio da F. O. e que muito tem contribuido para a organisação operaria.

SYNDICATO DOS SAPATEIROS

O Syndicato dos Sapateiros se tem reunido e sua directoria trabalha activamente para que sejam organisados todos os que trabalham em calçados e nas classes annexas deste genero.

Suas reuniões continuam se realizando no local, dias e horas do costume.

SYNDICATO DOS CERVEJEIROS E ANNEXOS

Este Syndicato, que fundou-se ha pouco, tem se reunido todas as quinta-feiras para tratar de assumptos referentes á classe.

SYNDICATO FORÇA E LUZ

O Syndicato Força e Luz continúa cada vez mais forte e se tem reunido sempre que se torna necessario.

Em sua ultima reunião tomou importantes resoluções.

Na semana passada o camarada Orlando Araujo realizou em sua séde uma conferencia sobre o thema — Brinquedo para creanças — a qual agradou immensamente tendo sido esse camarada muito applaudido.

SYNDICATO DOS CHAPELEIROS

O Syndicato dos Chapeleiros se tem reunido para tratar de assumptos referentes á sua classe e suas sessões tem sido muito concorridas o que faz prever que este Syndicato está forte como nunca.

Continúa como seu delegado junto á F. O. o camarada João Burgmayer.

FERRO VIARIOS 1ª E 2ª SECÇOES DA UNIÃO PROTECTORA

Aos Ferro Viarios da União Protectora de Santa Maria e aos da 2ª secção têm sido enviadas circulares no sentido de orientaI-os para que compareçessem ao Congresso Operario Regional que se realizará a 14 de julho proximo.

ALLg. ARBEITER-VEREIN

Continúa esta sociedade a tratar de assumptos referentes á propaganda de idéas libertarias no seio da colonia allemã.

O esforçado camarada Frederico Kniestedt tem realizado interessantes conferencias de propaganda e as quaes tem sido bastante concorridas, sendo o companheiro Kniestedt muito applaudido.

Sua séde é á rua Commendador Azevedo n. 26.

E' seu delegado junto á F. O. o camarada F. Kniestedt.

UNIÃO GERAL DOS TRABALHAEDRES (Rio Grande)

A União Geral dos Trabalhadores do Rio Grande tem mantido correspondencia com a F. O. é seu delegado junto a esta Federação, o camarada Tacito Ferreira, que tem comparecido ás reuniões.

A U. G. T. se fará representar no Congresso Operario Regional mandando uma delegação.

SYNDICATO DE TRABALHADORES EM ASSUCAR

Com este nome foi creado mais um syndicato que abrange todos os operarios que trabalham em confeitarias, caramellos, refinações e annexos.

Pela commissão organisadora foi convocada uma sessão deste syndicato, para terça-feira, 19 de junho.

UNIÃO DOS FOGUISTAS

Esta associação, reunir-se-á brevemente, para tratar de diversos e importantes assumptos de interesse geral para a classe, na séde da Federação Operaria.

SYNDICATO DOS PEDREIROSE CLASSES ANNEXAS

O valoroso Syndicato dos Padeiros que agora já conta com grande numero de associados, se tem reunido para tratar de questões de alta importancia para a classe tendo já enviado pedido de melhorias a alguns patrões, de quem esperam respostas satisfactorias.

E' seu delegado junto á Federação o camarada Luiz Derivi.

—

Os jornaes noticiaram em telegramma que ao Rio havia chegado um general finlandez que vem com a missão de organizar, na America do Sul, uma expedição para ir á Russia combater o maximalismo. Que honra para o Brasil!... A burguezia europeia não póde combater o maximalismo porque lá os soldados, comprehendendo que o maximalismo é uma revolução social do operariado, recusam-se a serem eternos lacaios da burguezia e seus defensores.

Assim é que soldados francezes, inglezes, americanos, italianos, se tem revoltado e declarado peremptoriamente que estão promptos a defender a patria; mas a ir ao paiz dos outros, combater uma revolução interna e que é sympathica ao operariado do mundo inteiro, não está de accordo com nenhum principio de logica.

Em taes apuros que fazer a burguezia se lhe falta o soldado para afogar em sangue a revolução nascente? Appellar para os povos atrazados. Assim é que pretendem organizar uma expedição de africanos, paraguayos e, segundo o telegramma que commentam, de brazileiros, para liquidar os maximalistas....

Talvez que para os patriotas seja isto uma honra; nós, porém, que não o somos, declinamos de bôa mente de tal honra em favor dos patrioticos anti-maximalistas....

Kropotkine

Desfazendo calumnias

O velho camarada vive, cercado de estima, perto de Moscou

Alexandre Berkenheim, vice-presidente do Comité Central da União Pan-russa das Cooperativas de Consumo, publicou no «Cambridge Magazine», de Londres, do dia 15 de fevereiro, a carta que passamos a traduzir e que nos tranquilliza definitivamente sobre o estado do velho militante do anarchismo Pedro Kropotkine, que os alliados já fizeram massacrar uma porção de vezes pelos bolchivistas. Diz essa carta:

„No «Cambridge Magazine», do dia 25 de Janeiro appareceu um artigo sobre a sorte do principe Pedro Kropotkine. Rogo-vos, a tal respeito, dar inserção ás noticias que seguem e que o mesmo Kropotkine me deu encargo de diffundir na Inglaterra.

Eu deixei a Russia, a 8 de Dezembro e no dia 1.º do mesmo mez havia visto pessoalmente o principe Kropotkine, que tenho a honra de contar entre os meus amigos. Tenho em meu poder cartas delle para os seus amigos da America. Pedin-me elle transmittir aos seus amigos da Inglaterra as suas mais vivas recordações e de lhes dizer *que todas as noticias espalhadas sobre os varios tormentos soffridos por elle, na Russia, não têm o minimo fundamento*.

Pedro Kropotkine vive agora em Dmitrovka, perto de Moscou. O seu estado de saude é, em absoluto, satisfactorio. Como sempre, elle vive afastado de qualquer actividade politica e está occupado em trabalhos literarios.

Eu posso dar testemunho de que Kropotkine *goza da maior estima e consideração em todos os meios russos, sem nenhuma excepção*."

Mas esta declaração do Berkenheim, que não é um bolchevista, que pertence a uma das facções mais democraticas, não do socialismo, mas da burguezia liberal russa, não impedirá aos alliados de fazer, por intermedio das conhecidas *agencias de informações*, qualquer dia destes, morrer mais uma vez o companheiro Kropotkine estrangulado pelos maximalistas.

Porque uma das armas empregadas contra os maximalistas, a mais usada na illusão de.. derrotal-os é a calumnia.

LIVRE EXAME

A Patria

As agrupações de homens que habitam certas porções de territorios submettidas ás mesmas leis chamam-se patrias, nações.

Duas nações têm ou não os mesmos interesses. No primeiro caso, ha paz, mas sentimentos menos favoraveis para com os homens das outras nações, para com os estranjeiros, pois que entre os nacionaes existe solidariedade. No segundo caso ha malevolencia para com os estranjeiros, protecionismo, paz armada, guerra. Tudo isso dificulta o desinvolvimento individual.

Vê-se que a ideia de patria implica inevitavelmente sentimentos menos favoraveis para com os homens dos outros paises, odio possivel, provavel ou positivo. Odiar uma massa de homens que não se tem o prazer de conhecer pessoalmente, odiar desconhecidos, correr o risco de se vêr forçado a matal-os ou a fazer-se matar por eles, é absurdo. Os nacionalistas, os patriotas são, pois, loucos perigosos.

Quem deseja a paz universal deve desembaraçar-se radicalmente do nacionalismo, do patriotismo e suprimir as nações, as patrias.

O interesse commum a todos os homens está em favorecer o desinvolvimento completo do individuo; só uma agrupação tem probabilidades de realizar este ideal, a agrupação de todos os homens A HUMANIDADE.

Paraf-Javal

No proximo numero correspondencia especial sobre a União Operaria do Rio Grande.

O Syndicalista

O Syndicalista, que está a cargo de uma commissão, lança o seu appello a todos os camaradas conscientes para que o ajudem na medida das suas forças, pois e sabido o quanto é necessario manter-se um jornal franco e desassombradamente defensor das classes trabalhadoras.

Da sua compilação está encarregado o camarada Orlando Martins, ao qual póde ser enviada toda a collaboração.

E quanto á remessa está encarregado o camarada Luis Derivi e da gerencia o camarada Frederico Kniestedt.

Todos os camaradas, que quizerem pacotes devem dirigir-se ao camarada Luis Derivi.

—

Os camaradas que o quizerem assignar poderão fazel-o pagando 3$000 por anno.

O patriotismo sob o ponto de vista social

(Traducção especial para o „Syndicalista")

O sentimento patriotico exerce incontestavelmente uma grande fascinação em todos os paizes e serve admiravelmente aos exploradores do povo para fazerem perder de vista os antagonismos de classe e, em nome duma solidariedade ideal de raça e de nação, arrastarem os opprimidos a favorecer. contra si proprios, os interesses dos oppressores.

E este resultado é mais facilmente attingido num paiz como a Italia que foi longamente opprimido pelo extrangeiro e só hontem se livrou delle após lutas cruentas e gloriosas.

Mas em que consiste propriamente o patriotismo?

O amor pela terra natal ou antes, o amor maior pelo lugar onde fomos criados, onde recebemos as caricias maternas, onde, crianças, brincamos com as crianças e adolescentes conquistamos o primeiro beijo duma rapariga amada, a preferencia pela lingua que melhor compreendemos e, portanto, as relações mais intimas com os que a falam, são factos naturaes e beneficos.

Beneficos, porque, ao mesmo tempo que aquecem o coração com palpitações mais vivas, ao mesmo tempo que atam mais solidos vinculos de solidariedade nos varios grupos humanos e favorecem a originalidade dos varios typos, não fazem mal a pessoa alguma e não embaraçam, antes favorecem o progresso geral.

E si aquellas preferencias não nos cégam ante os meritos alheios e os defeitos proprios, si não nos dão o desdêm por uma cultura mais vasta e mais vastas relações, si não inspiram uma vaidade e fanfarronice ridiculas, levando-nos a suppôr que valemos mais do que outros porque nascemos á sombra de certo campanario ou dentro de certos confins, então pódem vir a ser elemento necessario na evolução futura da humanidade.

Porque, quasi são abolidas as distancias pelos progressos da mecanica, abolidos pela liberdade os obstaculos politicos, abolidos pela abastança geral os obstaculos economicos, ficam ellas a ser a melhor garantia contra a corrente rapida de massas enormes de emigrantes para os sitios mais favorecidos pela natureza ou mais bem preparado pelo trabalho das gerações passadas: cousa que criaria um grave perigo para o pacifico progredir da civilisação.

Mas, não é só destes sentimentos que se alimenta o chamado patriotismo.

Na antiguidade a oppressão do homem sobre o homem exercia-se, principalmente, por meio da guerra e da conquista. Era o extrangeiro vencedor que se apossava das terras, que forçava os indigenas a trabalhar para elle, e era, si não o unico, certamente o mais duro e o mais execrando senhor.

E este estado de cousas, si quasi desappareceu nas nações de raça européa, onde o patrão é agora, as mais das vezes, um compatriota das suas victimas continúa a ser ainda o caracter predominante nas relações dos europeus com os povos de outra raça.

Por isso a luta contra o oppressor teve e tem ainda, a miudo, o caracter de luta contra o extrangeiro.

Desgraçadamente, mas comprensivelmente, o odio ao extran eiro como oppressor desandou em odio ao extrangeiro como extrangeiro, e transformou o doce amor da patria, nesse sentimento de antipathia e rivalidade que os oppressores indigenas de cada paiz exploram em prov ito proprio O encargo da civilisação é dissipar este equivoco nefasto e irmanar os povos todos na luta pelo bem commum.

Somos internacionalistas, isto é: assim como da patria minuscula, que se agrupava em torno duma tenda ou dum campanario e vivia em guerra com as tribus ou communas circumvisinhas se passou á patria maior, regional e nacional, assim nós estendemos a patria ao mundo inteiro, sentimo nos irmãos de todos sêres humanos e queremos bem-estar, liberdade e autonomia para todos os individuos e todas as collectidades.

Assim comó para os christãos na época em que o Christianismo era crido e sentido, a patria era toda a christandade e o estrangeiro a converter ou a destruir era a pugna, assim, para nós, são irmãos todos os opprimidos, todos os que lutam pela emancipação humana — são inimigos todos os oppressores, todos os que assentam o seu proprio bem sobre o mal alheio, onde quer que hajam nascidos, seja qual fôr a lingua que falem.

Aborrecemos a guerra, sempre fratricida e damnosa, e queremos a revolução social-libertaria. Escon,uramos as lutas entre povos e invocamos a luta contra as classes dominantes.

Enrico Malatesta

Momento opportuno

„A opinião do homem é sempre pautada pela condição social."
Shakspeare.

Luz, luz purificadora e bella que entranhas em todos os cerebros dos homens que trabalham, que invades todos os casebres onde reina a paz.

Luz, em jorros a transbordar delirantemente, é o que o operario necessita para a conquista de seus direitos.

Ninguem poderá contestar que a maior necessidade no movimento operario que óra se agita, era a creação de um jornal, orgam de propaganda operaria.

Nada poderá produzir resultados praticos em favor da idéa que defendemos, como um bom jornal.

Com o poder da Imprensa já quebraram-se as algemas fortes do obscurantismo e da escravidão.

A Imprensa é o maior factor da nossa cultura intellectual. Representa a fraternidade dos povos, fazendo-nos todos irmãos.

O jornal é a boa e pacifica arma de defesa, entra em todas as casas, dizima todas as idéas, invade todos os centros e pugna por todas as Liberdades. Introduz os nossos pensamentos, representa o nosso credo, o evangelho do nosso amor.

Operarios! Amparae o vosso Orgam.

O jornal leva de uma sociedade obreira a outra o brado de Alerta, e as lições da experiencia na luta em que nós todos estamos empenhados sob a égide da Justiça e do Dever, da Razão e do Direito.

Associe-se o operario, procure unir-se e consolidar as forças de todos para fazer uma só força poderosa e indestructivel, procure instruir-se, procure estudar a questão social, as causas e os effeitos que o reduzem a um meio de exploração, sem nada possuir do fructo do seu trabalho.

Procure aperfeiçoar a intelligencia com a sciencia e com as idéas modernas, para melhor conhecer o motivo porque deve lutar pela liberdade, e para saber dirigir-se no caminho da sua emancipação, para conquistar o bem-estar proprio e da collectividade, para transformar essa sociedade de desigualdade social em outra sociedade nova, formada nos principios da Moral, da Verdade e da Justiça, conforme nos ensina a verdadeira razão e as leis naturaes, consolidadas com o verdadeiro amor por toda a humanidade.

Operarios! A' postos....

Quem na luta não avança perde a acção.

Marchemos, pois!....

O momento é opportuno

Placido Peres de Bittencourt.

Bagé — Agosto, 1910.

Lenine preconisa para breve o triumpho decisivo do bolshevikismo

Segundo informações aqui recebidas, no discurso que pronunciou em Moscow, o sr. Lenine disse que os momentos actuaes são de grandes difficuldades, porém, dentro de seis mezes apresentar-se-á uma boa opportunidade para os bolschevistas fazerem triumphar a sua causa.

O sr. Lenine affirmou que os alliados projectaram grandes ataques contra os bolschevistas e que estes saberão defender-se.

A proposito da greve dos graphicos argentinos que se negaram a compôr o que se refira ás firmas boicotadas, os srs. deputados, subditos *de la casa rosada*, votaram uma moção contra o que elles chamam attentado á liberdade de pensamento da imprensa.

Para reforçar *la mocionsita* quasi na mesma hora, *El Supremo* d'aquellas plagas mandou fechar a redacção do semanario illustrado *El Burro* e desterrou o seu proprietario, Cezar Montemayor, para a ilha Martin Garcia.

Como modelos de logica, *los vecinos son como los de acá... Hasta parecen macaquitos...*

EM PELOTAS

Gréve das Costureiras

As operari s costureiras da Fabrica de Chapéos Reingantz d Pelotas, de ha muito vinham sendo exploradas no seu trabalho pelo qual recebiam um salario irrisorio, abaixo de qualquer commentario.

Pois o p oprietarios da referida fabrica não contentes com a miseria a que subm ttiam suas operarias entenderam de agravar-lhes ainda mais a situação, afixando na fabrica um aviso determinando que as costureiras teriam de pagar as linhas e retrozes empregados no trabalho.

Or , com tal exigencia ficava completamente a sorvido o já minguado salario daquellas operarias.

Não sendo possivel se conformare » com trabalharem de graça para aquelles ricos e patrioticos industriaes, as costur iras declararam-se em gréve e, em reunião na Liga Op rari , resolverma enviar s suas condições para volta ao trabalho e que vale a penna serem reproduzidas aqui para que se avalie da exploração de que estavam sendo victimas aquellas operarias.

As grévistas enviaram ao director da fa ri a o seguinte officio:

«Pelotas, 22 d Maio de 1919. — Illmo. sr Curt Reing ntz, irector da Fabrica de Chapéos Pelotense. N/C.

Nós as abaixo assignadas, reunidas e solidarias, tomando em consideração a situação pessima que atrave samo e com os nossos ordena os resumidos. esolve os o seguint :

E caso que não queira continuar a fornecer as linhas para execução dos trabalhos que nos são confiados. exigimos o augmento de 700 reis mais em cada duzia de chapéos ou seja:

Chapéos de lã com fita de algodão de 5 a 12 linhas que pagavam 900 reis, que emos a paga de 1.600 a duzia Chapéos de 3ª e 4ª. q alidade fita e carneira que pagavam 1.320 reis por duzia, queremos a paga de 2.020 a duzia. Chapéos de 1. qualidade que pagavam 1.800 reis por duzia, queremos a paga de 2.500 rs por duzia. Chapéos de lã com carn ira collocada á machina que pagavam 480 reis a duzia, queremos a paga de 1.180 rs. a duzia Chapéos de 3. e 4 qualidade com a mesma argura de fita, com carneira collocada á machina, que pagavam 600 reis por duzia, querem s a paga de 1.300 a duzia Chapéos de 1. qualidade com fita de 18 a 24 com carneira collocada á machina que p gavam 1.000 por duzia, queremos 1.700 por duzia.

Como são resoluções tomadas de commum accordo aguardamos resqosta satisfactoria; do contrario não trabalharemos.

Seguem se as respectivas assignaturas.

Os proprietarios da fabrica não quizeram attender aos pedidos das operarias pelo que estas, ás ul imas datas, continuavam em greve.

Os srs. Reingantz para denegarem as reclamações feitas, allegam a crise, a concurrencia e uutros sophismas de que se costumam utilizar os burguezes para sugarem o nosso suor.

«O Syndicalista» hypotheca a sua solidariedade áos camaradas pelotenses.

GREVE EM URUGUAYANA

Os operarios e operarias da Fiação e Tecidos declararam-se em gréve exigindo um augmento de 20% no trabalho por peça.

O director gerente da fabrica sr. Raphael Bandeira, recusou-se a attender a reclamação dos operarios, pelo que estes conservam em gréve.

Por solicitação dos grevistas interveio o presidente da Sociedade dos Artistas, sr. Adones Lavigne, tendo o gerente declarado que se tratara de alguns tecelões que lhe queriam impôr um augmento injustificado e que os havia despedido estando as respectivas vagas preenchidas.

Entretanto, dias depois os operarios da secção de acabamento reclamaram contra o serviço que faziam depois da sahida dos tecelões e pediram a volta dos mesmos ao trabalho, porque elles haviam sido substituidos por pessoal novo e incompetente, sendo os trabalhos imperfeitos, exigiam mais tempo e cuidados nas reparações finaes que requeriam. E como não fossem attendidas no seu pedido, resolveram abandonar tambem os trabalhos, vindo augmentar o numero dos grevistas, que constiiuia assim, a maioria dos operarios da fabrica.

Na forma do costume as autoridades chamaram á policia alguns operarios e ameaçaram-n'os de espancamento, si continuarem andar perto da fabrica, onde aliás moram quasi todos.

Um bello movimento na Argentina

Acaba de se produzir em Buenos Ayres um movimento que denota sobejamente o adeantamento do operariado naquella republica platina.

Não tendo solução favoravel para os operarios o conflicto ha dias pendente com a importante firma Gath Chaves, foi declarada a boicotagem intensa áquelle estabelecimento.

A Federação de Artes Graphicas lançou um appello aos graphicos para que não compuzessem nada que se referisse á firma boicotada

Os graphicos, num movimento admiravel, secundaram o appello e negaram-se a compôr annuncios, noticias, etc. que deveriam apparecer nos diversos jornaes.

Pretendendo alguns proprietarios de jornaes despedir os operarios baicotadores, os demais se declararam solidarios e declarou-se a gréve geral dos graphicos: typographos, linotypistas, impressores, estereotypistas, paginadores e auxiliares.

Nenhum jornal foi publicado, a não ser *La Protesta* e *La Vanguardia*, diarios esses respectivamente anarchista e socialista.

Apezar de terem sido presos varios directores da F. G., o movimento que por si mesmo mostra ser o resultado de uma nitida consciencia operaria, continua firme não apparecendo nenhum jornal burguez, entre os quaes está *La Prensa*, o mais importante diario da America do Sul.

O unico jornal burguez que poude apparecer foi *La Epoca*, feita nas officinas da *Vanguardia* e com o compromisso de não publicar nada que se referisse á casa Gath Chaves.

Esse bello exemplo de solidariedade de classe será sem duvida farto em ensinamentos para os trabalhadores que cada vez mais compreenderá o alcance e o valor da organização e da propaganda dos principios de solidariedade, base essencial do syndicalismo operario.

Um juizo insuspeito

A proposito das gréves no Rio, a *Gazeta de Noticias*, jornal burguez e, como tal, sempre prompto a hostilizar a classe trabalhadora, deixou escapar a geito d'alma que aqui reproduzimos:

«A gréve dos tecelões, que agora toma caracter de violencia, não é mais do que a reproducção de movimentos identicos que se vêm registrando nestes ultimos quatro annos, tendo por motivo as mesmas reivindicações e os mesmos protestos contra a aspereza, o pouco caso e a grosseria de alguns patrões.

Os nossos industriaes, apegados a idéas medievaes de mando e poderio, não querem ceder das suas prerogativas, hoje fóra da moda, em favor daquelles que mais poderosamente concorrem para a sua prosperidade. Confiados nas garantias que o Estado assegura ás suas propriedades, exploram o operariado, a quem desconhecem até o direito de associação.

Ja nos fizemos éco das queixas dos tecelões e muitas vezes temos verberado a intransigencia e a intolerancia dos patrões que, como o sr. Lourival Souto, querem tratar o operario como um ser inferior, que deve estar sempre sujeito aos seus caprichos e escravisados á sua burra.

Esse tempo de intolerancia capitalista já passou. Hoje, percorre o mundo [illegible] sopro de justiça e liberdade, diante do qual têm que se dobrar a intransigencia e o despotismo dos que não comprehendem que o melhor processo para governar as massas é entrar no terreno das concessões mutuas e reconhecer o direito que os pequenos e humildes têm, tambem, á vida».

O sabujoso rectufundinga que faz do *Liberal* o *tank* de assalto á bolsa dos annunciantes, quer, á força de sabujisse *caçar* um *osso* que lhe garanta a existencia esteril a si mai-la prole recente...

Vae d'ahi o alma de burro, para ser agradavel a quem já elle magoou com suas marradas, entrar a escoucinhar contra o operariado e a dar conselhos acacianos ao governo para suffocar a muque as greves, como se o nosso inefavel governo não podesse dar lições bem sabidas em tal assumpto...

E vae além, o estupor: esquecendo-se do proprio umbigo, deixado nalguma viella suspeita das *santas terrinhas*, cuspindo contra os extrangeiros os escarros das suas entranhas famelicas. Ora, esse podre diabo, sem profissão conhecida, aportou ás nossas praias com o enxurro dos *thalassas* expurgados da Portugalia quando os ultramontanos ameaçavam com seus botes o regimem democratico lá instituido.

A alma do diabo devia de, ao menos, fingir ter um pouco de vergonha na fuça deslavada e se calar quando se tratasse de aves de arribação...

FOLHETIM D'„O SYNDICALISTA"

Ser christão de verdade!

Na região colonial, nas proximidades de S. Leopoldo, vivia com seus paes, um casal de colonos, um rapaz de nome João.

João foi sorteado com outros companheiros da cidade para o serviço militar e devia se apresentar, na segunda-feira seguinte, no quartel que lhe foi indicado em Porto Alegre.

João, porém, recusou-se terminantemente a vestir a farda de soldado e retirou-se para um rancho de lenheiros na serra.

Os seus não conseguiram demovel-o dessa sua resolução. Foi então que o padre vigario da parochia se offereceu para dissuadir o rapaz de sua obstinação e foi procural-o em seu rancho.

Entre o padre e João se desenvolveu um interessante dialogo, do qual reproduzirei alguns trechos.

Padre — Venho por tua causa. Teus companheiros te esperam: Tereis de partir amanhã, ao meio dia, para estar em Porto Alegre no dia marcado, que é segunda-feira.

João — Em Porto Alegre não tenho nada que fazer.

Padre — Não vão lá todos? O que falta ao soldado de hoje? Comparado com o de outr'ora, tem elle boa posição na sociedade.

João — Não quero ter posição. Não é por isto. Prefiro ficar aqui, perto do sol.

Padre — João, não tiveste boas leituras? Não achaste porventura nos livros que é um dever obedecer a autoridade?

João — Quero trabalhar, ser honesto e não fazer mal a ninguem. Com estas leis eu cumpro, e é o que devia bastar á autoridade.

Padre — Si tu sómente cumpres os deveres que te agradam, não obedecer á autoridade, mas a ti mesmo.

João — E' exacto. Sou rapaz e não quero discutir com padre. Mas não vou.

Padre — Não é preciso discutir.

João — E si aprouver á autoridade mandar-me matar o meu irmão, como mil vezes acontece na guerra?

Padre — Que é que tens tu com a guerra? Devemos defender a patria contra o inimigo, e, quem quer que a patria lhe dê protecção e lhe garanta a ordem, tambem tem o dever de servil-a.

João — Senhor padre! Sabeis tão bem como eu que nós os colonos, nos protegemos a nós mesmos desde que haja memoria e que a ordem que temos é obra nossa. Si chamar a communidade ou a igreja, não serei dos ultimos que se apresentam.

Padre — João! Assim fala um moço que é chamado para cooperar na grande obra, a que nenhum de nós se póde furtar?

João — Sim, senhor padre, ser cabo e depois, si se for feliz, continuo ou porteiro na cidade; mais tarde mendigo, a quem, porem, é prohibido mendigar, cujo destino será morrer numa grande fabrica de cadaveres ou no rego.

Padre — Homem, como é que te metteste na cabeça taes idéas, aqui no teu matto bruto?

João — E' o que se vê!

Padre — E é por isso que te recusas a ir para o quartel?

João — Nos afastamos do amago da questão. Ainda não disse a ninguem, porque não quero ser soldado. Vou dizel o a vós, pois si alguem me compreender será meu padre. Não dizem as Sagradas Escripturas que todos os homens são irmãos? Vós mesmo nol-o explicastes muitas vezes. Como é que se póde matar homens? Nem para tomar desforra de um inimigo pessoal. Como vou então, matar innocentes, desconhecidos, que nunca me fizeram mal?

Padre — Meu caro João, na vida as cousas se passam ás vezes de maneira differente do que está nas sagradas escripturas. Si não te defenderes contra o inimigo, elle te matará.

João — Pois que o faça. Melhor é soffrer o mal do que praticalo.

Padre — Ha tempos te emprestei a historia de Carlos Magno. Leste-a?

João — Ah, este não foi verdadeiro christão. Impoz a religião de Christo a ferro e fogo.

Padre — Foi canonisado.

João — Fizeram mal. Com meios ruins não se póde fazer o bem. Vós o dizeis, senhor padre, e vossos irmãos o dizem, e agora subistes aqui e quereis que eu desça para matar gente...

Padre — Que culpa tenho eu, que culpa tem tua familia das instituições politicas? Queres nos deixar passar pelo desgosto de ver te conduzir pela policia?

João — Si tal fizerem, farão mal porque sou um homem livre. Não quero que os meus passem vergonha por minha causa e não quero dar ensejo a que se pratique uma injustiça. Sim, senhor padre. Vou. Obedecerei de boa vontade, Serei soldado, levarei no hombro o fuzil, carregal-o-ei e farei pontaria contra os homens. Porém, não farei fogo, oh, não, isso nunca!

João foi para o quartel.

Um rapaz que não fôra sorteado offereceu-se para ir em seu logar. João recusou a offerta com as seguintes palavras:

— „Oh, não, meu camarada, tu farias fogo... Como teria sido na ultima guerra si os soldados não tivessem feito fogo?"

Pregamos tanto a religião christã, falamos tanto do christianismo, e, si um se torna christão de verdade, eis que está prompto o réo, remisso e renitente.

CAPITÃO SATANAZ